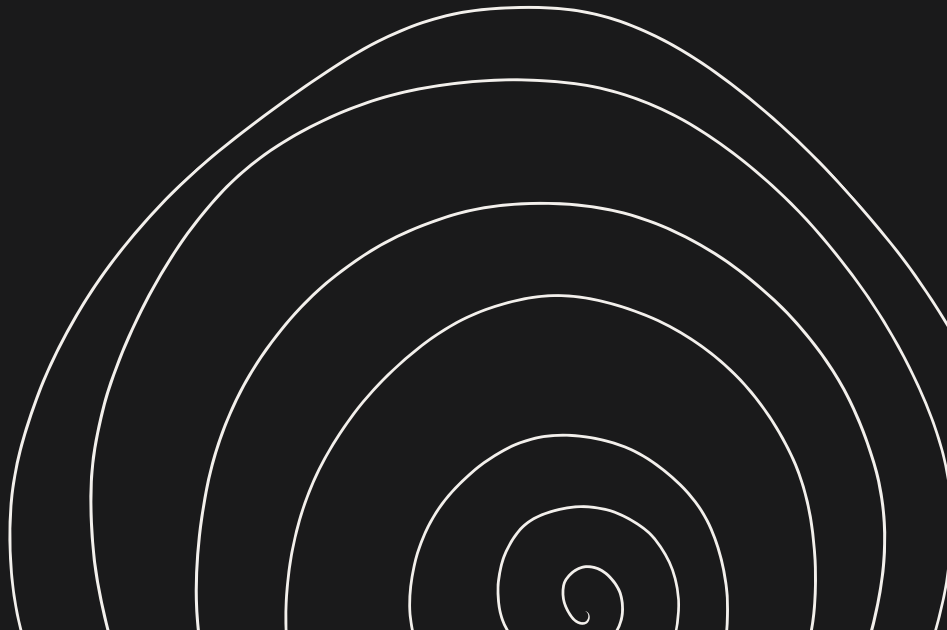
Leonardo Bezerra

A vítima dos signos



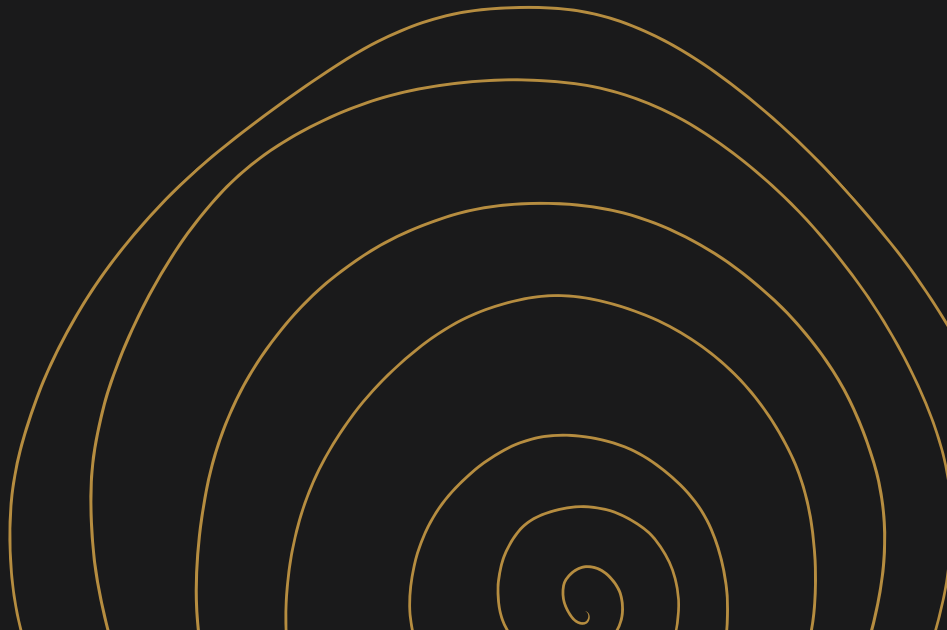
fulor de mulungu

@fulordemulungu
edicoesmulungu@gmail.com
youtube.com/c/fulordemulungu

A vítima dos signos é uma publicação do **Selo Editorial Fulor de Mulungu.** Você tem a liberdade de compartilhar, copiar, distribuir e transmitir esta obra, desde que cite sua autoria e não faça uso comercial.

fulor de mulungu

A vítima dos **signos**

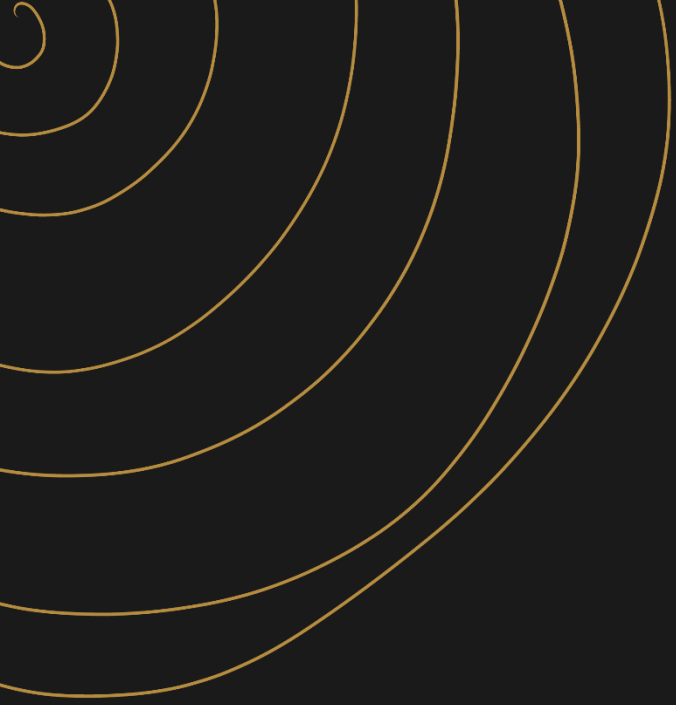


Leonardo Bezerra

A vítima dos signos

2023

fulor de mulungu

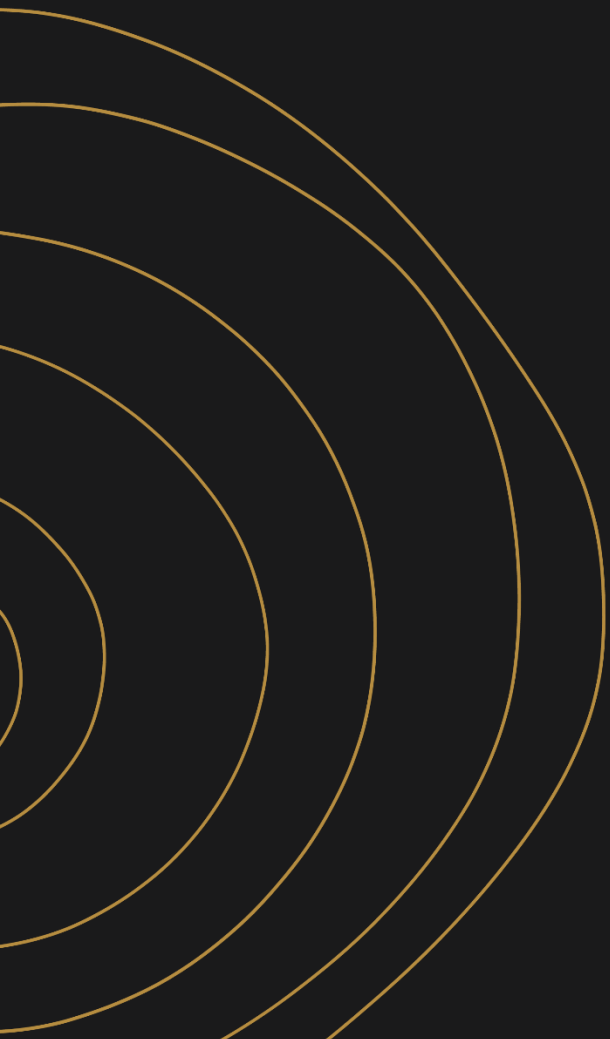


ADVERTÊNCIA

Esses versos foram construídos em um momento de efervescência poética e apaixonada, por vezes, numa tristeza absurda. Não são apenas versos aglutinados, ou poemas que expressam um único momento, ao contrário, essa construção e efervescência que digo, atua como um sol em mim e dos meus olhos. De modo que a erupção acontece em vários lugares, algumas têm forma, são corpos/meu corpo, outras não possuem corpo, mas existem, são territórios do meu eu e do meu modo de enxergar as coisas, as pessoas e os lugares. Por vezes, são poemas do encontro entre o mundo concreto que vejo e um mundo concreto que não vejo, mas sei estar lá em meus olhos, na carne, nos sentidos. Noutras vezes, são versos sobre um mundo não concreto, abstrato, mas que também posso ver. Parece confuso, porque é confuso. São confusos. Pouco antes da catástrofe global, talhei alguns versos-imagens. Em meio à pandemia do coronavírus, me enclausurei. Em seguida, precisei trabalhar fora de casa. Conheci novos mundos, novas pessoas, cada uma delas está por aqui em cada verso. Da experiência de desbravo do mundo e de quem sou, saíram versos complicados de serem escritos e sentidos, mas que estão esculpidos em signos, códigos de tormento e, também, outros de felicidade, de paixão e de amor. Sangra sempre que mexemos em nossas feridas, em nossos cortes. Contudo, advirto, foi só em um certo instante que dei início à árdua tarefa de lidar com esses versos pela segunda, terceira ou quarta vez. Foi quando, numa caminhada (tardia), fui surpreendido não apenas com um olhar e um riso, mas também com a potencialização de sonhos, vontades e mudanças que,

desde então, não pararam de acontecer. Portanto, desconhecido leitor, receba esse exemplar como um convite ao cafezinho ou a uma conversa no bar, saboreando uma deliciosa cerveja com espetinho de carne — que podes substituir por um de berinjela, caso seja vegano. Ao final deste exemplar, quero tê-lo conhecido mais do que você a mim. Talvez isso aconteça, então lhe desafio a tentar me conhecer, a luta é árdua, afinal, nesses poemas não me apresento, eu te confundo. Saberás ao fim o que é verdade e o que não é. E por verdade não entendas os fatos como se dão e se validam, e sim, como o esforço por me reconhecer em você, e vice-versa. Verdade será somente aquilo que descobrires de ti, em mim. Estou espalhado nesse sujeito que vos apresento, forjado no calor e no frio, no choque térmico que por ora te envolve! Sejam bem-vindos a um recanto de sensações e sentimentos e sofrimentos e felicidade e… sejam!

-— o autor



Caminhadas tardias

Esta beleza que agora passa, leva consigo um sonho-desejo
desejo de sono, aquele que arrebenta expectativas
aquele que adormece a mão por baixo do pescoço
sente calor? Sim, mas por que romper tão bela imagem?
Asseguro, para essa, ou aquela beleza que ali passa
que passados os anos, os meses e os dias
volto a curiar a mim mesmo observando-o dali
olhos colados na passagem, cada passo
olhos atados à corporalidade sensual
olhos presos naquele manejar de nádegas e músculos [e suor
olhos… que olham atentamente o riso por baixo da máscara
e olhos perseguidores desses meus olhos,
curioso olhar. Intrigante, instigante
Esta beleza que agora passa, leva consigo uma vontade-
reprimida em dor.

9 de outubro nesses caminhos sem vermelho

Hoje seu passo tresloucado não estava diante de mim
nem teu riso à minha frente
nem teu olhar promissor esteve comigo.
A solidão do meu passo se repetiu
e repete há tanto tempo
e vira em tantos ares
entre tantos cheiros.

Uma rosa assim caiu do pé
avisou-me da ausência do teu passo.

Não percebi.
Não doeu tanto quanto os dias em que passou avulso
mas, ainda sim, senti o vazio
uma pena
uma falta.

Hoje seu passo tresloucado não estava diante de mim
ainda sim te vi, senti e ouvi
durante todo o tempo
pois esse passo não se deixou apagar da memória da minha pele.

Em voltas

Tanto me disseram dos medos
que sem temer ao seu conceito
agi para acertar o tempo e o passo.
Envoltos agora na sua métrica
compasso regido por teus pés
corro sem por isso me desesperar
corro para te encontrar a cada volta
como um ponteiro busca infinitamente o mesmo caminho
e teu sentido não está ao redor
mas sim no que lhe escapa
voltas que são dadas só têm sentido fora do círculo
e fora dele estamos nós, ainda à espera de um acaso.

Ausência

Um vazio que aos poucos se preenche com vazios
Uma falta renitente que emerge com esse brilho.

Estou curvado sobre os anos feito cipó
envergado amadureço e apodreço
observando o vento correr e levantar aqueles
redemoinhos que cobriam de terra meu alpendre.

Então perguntam-me “e agora, o que queres?”
Como se eu, justo essa capa, soubesse ou estivesse assim
por satisfeito, envolto no manto vermelho.

Não sabem eles que não há espaço para mais nada
nem mesmo para mais querer ou menos
não há espaço ou vontade,
nem mesmo há um brilho.

Um vazio que aos poucos se preenche com mais vazios
Uma falta renitente que submerge com meu corpo.

Falta algo, não sabemos, não sabeis, não saberemos…
Haverá tempo? Ou quereres?
Como saber?

Sou eu próprio essa questão.
Sou eu mesmo o vazio de mais vazios.
Sigo em busca de algo que sinto por falta

dou por perdido, objeto ou lembrança-pensamento,
perdeu-se nas trilhas.
Me falta algo, mas o quê?

Manifestação

Estou às voltas comigo mesmo.
Um vendaval ocorreu sobre os corpos.
Uma brisa dentro da pedra.

Estávamos, estou, estamos?
Como?

A brisa passou arrebatando.

Compasso

Então tivemos medo.
Quando me olhou com seus olhos de fome
Disse-me cortando em três partes
Então tivemos medo.
E nunca nos reconhecemos tanto quanto ali,
cercados por assombros,
tomados por desejo,
intimidados com o furor da noite.
Caia uma chuva intensa,
e corria um rio dentro de mim,
pois havíamos atestado ali, um diante do outro
quando sentimos o medo.

O medo consome os passos,
consome as vértebras e veias
consome a cor dos cabelos.
Esconde-se nas pastas, nos papéis,
na sala, debaixo da cama, das unhas,
é sujeira que não larga.

Somente ali diante dele pude constatar
fatal recado: tivemos medo.
E o que mais me surpreende não é o medo,
mas o fato de só encontrá-lo
diante dele, quando não é só o medo que aparece,
mas quando surge também a face da solidão.

Eu era um, ele era o outro,
disse-me com aquele olhar de foice:

Leonardo, eu também tive medo.

Sim, meu caro, sim.
Nós tivemos medo,
mas agora já não temos.

ConTradução

Então a poesia entrou pela janela.
Como um sopro.
Passeou pela casa,
entrou na minha rede
e quebrou-me três costelas.
Poesia é feito pedra
que voa pelo ar
e depois de acertar o alvo
faz estrago.

Ascensão

Acordei torto por esses dias.
Andei torto o dia todo.
Era um peso sobre os ombros.
Coisa de velho.

Estou ainda na flor dos anos,
coisa estranha me deixar anguloso,
a essa altura dos dias,
ser torto sem ser doloroso?

Confuso. Não havia dor nos passos,
e cada vez mais inclinava meu corpo.
Eremita? Adoentado? Não. Tedioso.

O tédio vai tomando conta do quarto,
da sala, da casa, do mundo, do olho.
Quando se dá por si, está assim: torto.

Como se fosse uma brecha

Então foges de mim
como se eu fosse a própria cruz
e tu, o cristo, aquele que me salvou do
        amor ódio estirpe, sanha sina
então forja essa peça
diz-me com teus olhos
        de carne à madeira seca
amor eu tenho,
O que falta é aquela ponta quente
        atiça, persiste perfura
e como se eu fosse a própria cruz
        amada odiada
tu, o cristo, foge para longe
        busca então a dor que não tenho
        a chama que não dei
        a presença que abstive.
Nem todos os cristos são dignos da crucificação.

O vento faz voltas

Para G. C.

Nunca fiz uma poesia para você
hoje fiz
ontem fiz
amanhã farei.
Um verso que fale de você:
silêncio
metade é crítica
a outra metade não sei
os lábios não se movimentam
pensa…
Ri, por dentro,
então… já sabe o que corta
onde cortar
o que cortar
profundidade.
traço
forma
veias e artérias.
Sabe bem… o quanto não sei
sabe bem… o que queres?
Quereres assim… guardados.
Mas tanto tempo relutei,
agora é que chego aos porquês
e nenhum deles me dá a resposta
sobre um verso perdido no tempo
que era feito com todo afeto

mas que pela relutância…
guardei.
Dizer sobre o verso que não fiz
talvez seja assim um jeito de falar
uma linguagem que ainda não conheço
uma cifra com a qual não lido
uma vontade reprimida.
Um jeito assim de criar um verso sobre o que sinto
uma equação que não tem fim
balizada por duros golpes de imprecisão
e de medos — teus e meus.
Se ontem não te fiz o verso, hoje faço.
Se hoje te mostro a poesia, é porque pereço,
Se organicamente me perco, é porque ao ver-te, é que me acho.
E ao me encontrar eu te perco,
nessa dialética entre o fino e grosso pretexto
para escrever e te olhar por outro lado.
esforço que agora responde a inquietação sobre:
onde e como e desde quando eu te conheço?
Só assim percebo:
que desde ontem já havia te feito uma poesia…
hoje mostro, e amanhã… esqueço.

Sendo gente

Tenho andado atento aos intelectuais presunçosos,
aos fascistas debilóides
e àqueles que gozam apenas do cinismo.

Nenhum entre os homens pode me dizer para onde ir
toda cegueira que os socorre
empunha sobre meu corpo
a ponta quente das certezas.

Meu trajeto nunca foi o correto,
embora eu tenha seguido um caminho.
Eu o criei, ouvindo causos, mentiras!
Eu o criei, sofrendo de dores e paixonites!
Eu o criei, sabendo de onde eu gritava
— e quem me ouvia.

Tenho ouvido vozes constantes que determinam conceitos.
Do outro lado do corredor
Bestas correm de um lado para o outro
berrando palavras que não compreendo
— são de ordem.

Entre esses homens e os outros,
não sinto nada além do desprezo.
O medo de que me cerca é justamente até onde posso chegar,
Minha angústia está atada às pesadas correntes que colocam
em meus punhos.

Ouço uma voz de mulher,
lá longe. Como se fosse o barulho de um rio corrente
de águas límpidas.
Não sei se é miragem, sonho… ilusão…
Mas sigo-a, como sempre fiz.

Pois ouvir homens, nunca foi minha qualidade,
pois guiar-me entre espíritos e incertezas,
sempre foi meu fim.

Onde estais, Fanon?

Porque antes de pertencer, já o era.
E quando se viu nele, observou atentamente que ali nunca havia estado.
Mesmo assim compreendeu a distinção clara entre ele e o meio, e viu que aquilo era comum entre eles.
Havia ali um ser corpo e cor.
Olhou-se no espelho e soube que nada havia deixado de ser, para ser o tudo que podia, e ainda sim estaria por vir a se pertencer.
Pertencia agora a si próprio. E assim o era.

Autorretrato

Dentre tantos, outros e tolos
fui aqueles ou este que sempre sorriu acanhadamente
perguntando a si próprio como coube,
sem ajustes,
tanta inquietação e desejo de mudar.

Mudei sim, (mudamos), o cabelo branco apareceu
minhas dores em pernas e braços aparecem
meu corpo muda, agora é flácido e cheio de dobraduras, pneus etc.

Nisso tudo preservei apenas a vocação para a tolice, ao insólito e aos bons tratos entre uma bebida e outra, entre um verso e outro,

entre mim e meus eus,
todos eles rindo solto, gargalhando, abraçando os amigos e gritando para o mundo um amor que não acaba
uma angústia por luz e mais amor
uma saudade daquilo que tanto amei e ainda amo mais e mais
uma sinfonia de sofrimentos que deságua num riacho de espera, causos, contos.

Mas toda paixão dói. E se não doesse o que seria? Uma cena?

Essa sede não passa, queira deus senhor que não passe jamais, pois quando ela se for não sei o que sobrará.

Só:
Aprendi a ser incompleto
Aprendi a pular sobre as águas — dentro do rio.
Fui das folhas às raízes procurando um caminho que, sem saber, eu mesmo havia criado.

Cesária

"à diva negra de Cabo Verde"

Seria assim um sonho ouvi-la em teu regresso
de dias nublados ao sol do cabo,
mas é certo, como real e exato, o teu som não partiu
ficou aqui junto da aurora e daquele beijo roubado.

És assim a potência de um tempo
de noite macia e de dias em um jardim prometido.
A hora passa como andaram os anos,
e como agora se encaixa na chuva seus versos de afeto.

Em tua voz está salvo o âmbar de outros tempos,
onde somos aquilo que guardamos,
saudade, paixões, sangue e um brilho que não há de cessar.
Évora, teu nome desde as raízes ao som que leva a sua essência

de cheiro verde, de folhas ritmadas pelo calor do afago,
pela mistura do abraço e da solidão.
Tu permitiste a eternidade sem saber que a cada minuto
nos perderíamos no envolvimento de tua canção.

A chuva bate em teu portão!
Quem imaginará em teu lugar (som)
a audácia de um tempo que não só fala na voz?
A voz canta o silêncio.

O som de uma parte do mundo

em tons de ilha, reverenciada em uma dose perdida
de ontem, o sabor amarelo da cachaça,
a envelhecida canção-poema, melodia de recordação.

É pelas fendas que nasce o raiar.
O rasgo do dia chega cobrindo o que é e não é mar,
ainda sim os segredos sussurram, pedem a palavra,
E é tu, mulher, que abre a janela!

Em tua música repousam os mistérios-meninos,
cadência colada aos que dançam buscando voar.
Tu lanças ao mundo esse povo, teu povo.
Eles sabem da casa que é teu canto, um nosso lugar.

Esteio das águas atormentadas,
ali nos teus acordes dorme o Atlântico.
Quem dera elas pudessem cantar.
Atlântico! Deus e trilha! Música para rir e chorar.

Uma obra caminho, labuta e amor.
Mãe e amante, beijo de aqui estou.
Sobe a fumaça desse cigarro,
está lá, África nossa, está lá, diva! Tua voz está!

Se fosse tu a própria terra, seria a península,
agarrada pela ponta a um templo
em que ardemos por dentro e saudamos por fora
com boas novas, sossego e presença, isso é teu nome.

Evocando a liberdade em estrofes,
romance entregue ao vento e à onda,

amada! Mil vezes adorada:
Uma canção leva teu nome,

Um canto chamado Évora.

Aquário II

de vez em quando
ando entre as pedras do dia
pensando na tarde que faz
uma parte dos meus sonhos
modestas cenas, distantes
às vezes próxima.

quase sempre penso naquela nossa tarde, nossa conversa e teu silêncio curvilíneo. dando voltas e mais voltas entorno ao nada, e no centro. eu dava voltas em mim. meus gritos faziam tremer o chão quente, as pedras e as folhas balançavam. você ali...

de vez em quando
ando entre as pedras do dia
pensando na tarde que faz
uma parte dos meus sonhos
modestas cenas, próximas
às vezes lúcidas, mas sempre cenas.

Aquário III

Então, fugiu?
Não, jamais, nunca!
Fuga, para quê?
Serenamente recebeu dos olhos // aos olhos, poemas.
Poemas se desmancham, ora, sabia?
Poemas recortam e colam.
Olhares são poemas.
És então poeta, poeta?
Não, apenas enxerga-calado,
Aquilo que as palavras bradam em seu mudo falar-palavra.

Adentraram o recinto

Os pesos e as medidas estão perdidos pela casa.
Onde estão? Como saber?
A bagunça que agora tomou os quatro cantos:
Acumula-se, chama a atenção dos vizinhos,
Dos parentes, dos amigos, dos inimigos, dos transeuntes.
Chama a atenção dos bêbados, dos padres, das crianças e
Das doces senhoras do lar.

Da cadeira, entre um gole e a próxima linha do teu Ulysses,
Corre solta a inquietação viva, anunciada pela tremedeira da janela da única sala de estar.
E, sem prumo, o poeta se desorienta ao perguntar a si próprio:
(tolo)
Vivo estais?
Sabe a resposta,
Sem peso, medida ou pressa.
Mensuração incompleta.
Está saturado entre os livros e as páginas, entre a cerveja e o copo,
Esparramado sobre a mesa,
Engolido na bagunça,
Visto por tudo e todos:
Ali, solto, energúmeno,
Sendo ele o sempre mal falado:
A vítima dos signos.
O Homem oráculo.

Aquário (sem número)

Escondido entre montes,
estão ele e os olhos que são,
sim, eles são olhos de dia.
De noite são rosas. Olhares:
pólen.

Queria assim atravessar a floresta,
por trás dos olhos-pedras
encontrar ali ele,
menino-nu. Inteiramente.

Inteiro. Dentro dos próprios olhos.
Lá onde só está ele.
E eu não posso. E não se deve.

Marte está ao lado da lua,
mas essa noite é só uma ilusão.
O espaço os separa... espaço cheio de tudo e de nada.

Alguns acreditam. O peso dos anos desmente.
E o menino-nu, dentro da parte de dentro,
dentro do olho, está lá: quieto, medroso e
brilhante envolto em luz. Coisas da mente.

Haverá um tempo em que ele sairá,
vai correr floresta, atravessar os rios,
subir os montes.

Minhas vontades vão se esvaindo nessa doce espera-brincante.
Enquanto ele ri. Admiro, olho... e pergunto:
até quando?

Paixões culminam em arranhões,
joelho relado e poesias como essa,
para não ser entendida. Somente sentida.
Suspiro de afeto e de falta de razão.

Jardim

São flores essas primeiras pontadas de noite.
Fura a pedra, o peito clama. Floresce.

Nem todo florescer traz em si só as rosas,
que seria de sua beleza sem os espinhos,
sem o cheiro, sem a própria cor que lhe diz?

Nem só por isso ou tudo isso que lhe faz flor.

O que são elas?
São aquelas que brotam no peito, flores: medo.
São aquelas que brotam no peito, flores: desejo;
paixão;
amor.

Flores. São flores também essas pontadas sem sentido.
Essa lágrima que gota a gota o céu despeja sobre minhas costas,
meu cabelo,
sobre o tecido e sobre esse peito.

São flores, alegrai-vos, irmãos.
Haverá flores também quando o dia resolver raiar.
São flores.

Conversa afiada

Entre nós, meu caro,
Há um espaço que tento preencher com coisas de afeto.
Contudo, aos poucos sinto mais e mais espaços vazios.
As coisas diminuem de tamanho e mudam de forma,
Se tornam bibelôs de uma sensação angustiante que vê pela frente:
um território hospitaleiro
no qual o anfitrião se esconde a cada passo,
sussurra ao meu ouvido e foge.

Entre nós está um espaço cheio de Saturnos.
Anéis e pulseiras presos ao mourão que segura cercas
        e prisões feitas por nós mesmos,
        sob o sol
        — nos momentos a sós.
Seu riso no olhar;
Minha aflição.

Meus olhos marejados agora se perguntam:
— Posso dar mais um passo?
Para quê, Aflito? Para esbarrar em mais e mais
paredes, portas e janelas trancadas. Percalços.

Lá está você, do outro lado.
E eu aqui pisando: um, dois, três...
Mil léguas à minha frente.
Você lá, eu aqui.

Mil léguas nos separam,
Eu me pergunto: Vale a pena caminhar?
Você não tem respostas. Somente o silêncio.
Para que servem respostas?

Os tolos ouvem esse silêncio. Eu sei, pois eu ouvi.
E continuo aqui.

Até quando?

Conversa: fiada.
Gosto de sal, de vinho e de sentir as águas que banham a costa,

Gosto de sal, de vinho e de maresia.

Até quando?

É isto que hoje chamo?
Seu nome?

Aquário VI

fogem mãos, olhos...
dedos e cordas,
boca e o penteado,
foge... corre e chega.
Toca com brilho
certamente beija
deixa saudade torta
dos que não foram, estão ali.

Pensa. No quê?
No cheiro das flores.
Aonde?
No pescoço.

E assim, sonho noite inteira, céu no plano,
violão nas mãos, seus dedos longos
e minhas vontades doidas de beijá-lo
e levar seu beijo, seu corpo e olhar
para o mundo que reservo a sete chaves
dentro dos meus braços. Abraço e não vou soltar.
Aquário.

Arrastão

Arrasto esse peso
os dias se abrem
rasgo o caminho,
desbravo
Piano, touro e pedra... Parto!
abro: foice!
Ceifa,
arrasto esse peso.

O pássaro corta o céu
do meu peito
feito tiro.

Eu vivo então esses dias,
coparticipante do ato,
amplidão de dores de uma lembrança de amanhã,
não chega.

Estou agora nessa sala
abro os espelhos, quebro a louça,
o que me preenche?
O que me serve?

O que perdi?

Angústia, pássaro em queda.
Chão. Pancada. Perdido.

Procuro um rosto no sono;
nos dias;
nas ruas.

Enlouqueço, desprendendo tudo que sinto e sou, num copo, nesta saga.
Nesse momento em que o retrato na parede sangra e eu por fora tenho nos olhos o mar,
o mundo e mais que isso...

Tantos outros elefantes passaram na sala dos cristais.
Tantos momentos de sobriedade,
confinado na sensação de que existe além dos muros um possível mundo:

Dentro de dentro, no mais fundo medo.
Aquele lá, em sete chaves e três acordes.
Levaram as chaves, o livro de Fernando Pessoa e outra coisa.

Arrasto. Rede de arrasto. No mar.
Trago tudo. Rede cheia de inquietações.

Cinzas

aperta o peito
as horas passam
e o cinza do céu toma o teto do quarto
o chão do quarto
as paredes do quarto
a porta do quarto
a janela do quarto
a mobília do quarto
e em meio ao cinza:
o peito aperta
as horas passam
estou a angústia que me está.

Aquário IV

teus olhos fogem
como duas chamas
escapam pelo ar
pela brecha da porta

foge correndo
e volta calado

andando sobre o veludo

teus olhos fogem
os meus te procuram
eles se encontram
e nesse instante meu céu insiste em amarelar.

sol, olhos de mel e de sol.

Aquário I

via vento vida
olha para o lado, para cima
esquece
para... lembra
se lembra?
está, está?
Parado, insólito
significado:
para quê?
melhor mesmo é não:
se importar
se lamentar
se...
melhor é: equalizar
aquari-ficar
calado,
silente.
o olho que brilha forte
brilha dentro
brilha...
e eu aqui admirando seus olhos perdidos no mundo que não é meu, nem seu...
que mundo?

O anel

a marca no dedo
azul
indicativo azul e preto
a marca, a marca
a marca e o dedo
o anel
azul e preto
não há
está lá
azul e preto
o anel e o dedo
escondido
solto
preso
azul, azul
azul e preto.
O anel se foi
a marca, não.

O laço que rompe
a fita cortada
arrancados os suspiros
e tomada a punhalada
traído ou não traído
que ficou?

Eu fico

pensando naquela mão rude
ferrada pelo que não está ali
mesmo ficando
envolvido no dedo
numa marca.

Azul, azul e preto
o anel e o redondo dedo,
o passado dizendo:
estou aqui.

Passado? Passando.
Passaremos.
Marcas do amor.

Pequeno viajante

Não sabia o tamanho do abraço
até sentir, mais uma vez, o gosto saltar
por minha boca, por um riso.
Uma fuga.
Não sabia o tamanho da saudade
até sentir, tão poucas vezes,
o abraço se espalhar pelos braços,
pela pele e nas impressões digitais.

Eu não sabia da profanação do silêncio.
Profanamos.
Agora ouço os gemidos de ontem.

Como um elefante foragido
vou desembestado pelas ruas
pelos bairros
pelas cidades
vou deixando rastros...
marcas dos meus pés redondos e descalços.

Desses dias chuvosos...

Estavas tão bonito,
olho nos olhos, dentro do riso,
por dentro da casa uma bagunça.
Guardo essa desarrumação
coerente com a chuva
que gota por gota abraça o mundo
com a infinitude de sua essência,
com a dimensão de sua coletividade
    de gotas... virando oceano, avançando sobre as cidades...
uma beleza genuína,
e toda essa grandeza cabia no teu riso,
terminava no seu olho,
começou logo depois do seu atraso,
pois, quando tu abriste aquela porta
percebi o quanto estavas bonito.

Solidão

ando amalucado
contas malfeitas
pés descalços.
os quentes paralelepípedos
me confrontam: o que está errado?
errado?
ando amalucado,
maluquez solitária
dos desiludidos
entristecidos
e atrasados.

Sem título

Os caminhos de ontem e de hoje
me levaram às incertezas,
Trazendo o encanto: me disse em voz mansa:
não é o caminho e nele já não somos caminhantes?
E eu pego entre a pedra e a rosa,
colocando o olhar para fora da caverna,
Não sabia lidar com a luz.
Sempre soube que o percurso estava posto ali,
mas agora, reencantado, me fiz caminho...
molhados caminhos de relva e flores,
dourados mundos sem muros,
em mãos o âmbar,
o tempero final que tratava a receita de fazer-se Dom,
religando o homem a si mesmo,
o menino ao velho,
como o espelho se liga à imagem...
e as reticências se ligam ao meditar.

Desalento

Nunca a verdade doeu tanto quanto dói agora,
e o silêncio que emerge do meio dessa selva de eu's
açoita minha face (cílios, olhos e íris),
como um vento tenebroso
que outrora vagava pela estrada na noite
mais fria, do lugar mais deserto.

A flor da promessa permanece presa à fresta,
nem desaflorei nem desafloramos.
As pretensões agora se resumem a não se perder em meio aos novos ares velhos.

Percorre minha cozinha a lembrança
e no meio da minha sala está repousando um elefante.

O cheiro do alho e óleo acalmam meu mundo
E no copo de cerveja, posto sobre a mesa,
ainda cabem litros de solidão.
É saudade que alguns chamam,
outros dizem vazio
e outros recomendam a terapia.

Eu prefiro o conforto do desconforto quando, além do silêncio, sobram indignações, arrependimentos e uma sensação boba traição.

Des-En-Cantando a rosa

Simulacro rosa
guardando a cor antes do brilho
a luz antes da existência.

Desabrochando rosa
efêmera em seu petalejar de rosa
entregando à rosa toda a sede do mundo.

Tudo está guardado na rosa.
Antes mesmo dela o ser rosa
já possuía os atributos:

Semente de rosa, espera de rosa
broto de rosa, botão... então...

Do nada, então foi assim chamada:
rosa, designada de muitas formas e modos,
roseando o mundo-rosa.

Por rosas entenderam a beleza que exaltava o mesmo mundo.

Os biologistas latinificaram
Os jardineiros amaram
E os tolos ignoraram.

Rosa então feita de encantos
enfeite de canteiro de praça
como cor foi dada, pintura estática.

Os olhos então não viram mais as rosas,
somente as cores.
Somente elas na paisagem. Jamais ela solitária.
Sua solidão de rosa.
Uma fotografia entre milhares.

Desencanto da rosa,
Fechou o olhar do povo:
sua miudeza rosa, lá!

E nosso mundo cinza
agoniza entre cores que não se sabe o nome,
entre estreitos muros de concreto.

A visão se perde no espelho,
somente ele,
não mais as rosas
desencantadas, isoladas.
Existentes em sua vida de rosa. Privada de ser. Rosa.

Propriedade

Possuo como e sem posse um latifúndio,
nele possuo uma girafa, duas zebras e três unicórnios
que ao longo dos dias mastigam minhas lembranças
correndo soltos, sem que os Leões os ataquem.
Meus leões e outros predadores, comem vento,
correm em águas turvas, acalmando os peixes,
que possuo sem-ter posse num imenso latifúndio.

Meu latifúndio de memórias guarda àquela do elefante viajante
que outro dia fumou comigo um cachimbo de ervas.

Coram as faces de Firmina quando enxergam vastidão da terra
que não tem fim e que nem começa,
onde cultivo sonhos e a sorte
que alguns doutos chamam de loucura.
Pode ser louco alguém tão rico e poderoso como eu?
Redentor de minhas-todas terras!
Domador de rinocerontes!
Soberano de capim-moleque,
capim-delírio… capim.

Homens!
Deformam a razão para enquadrar-me em teus assuntos
burocráticos.
Não permitem assim que eu cuide do que é meu.
Chamam de excêntrico meu exército de tartarugas.

Tolos!
meu camelo rumina tempo,
e eu olho longe, pensando em silêncio,
Meu latifúndio levo no bolso.
Dirão assim “esse é feito louco”,
“não tem pedra em sua posse”.
Mas poucos percebem que até o vento carrega montanhas,
mas não tem braço ferro e força que leve meu reino em imensidão de
sonhos, desejos, angústias e paixões.

As bases do meu latifúndio, são rochas de imaginação.

A chama

Esse sussurro contínuo dobra meu peito em mil pedaços. É um bilhete. Escrevo diante da vela. Um pensar sem par, escondido na penumbra, no ócio e no divã das lamentações.

Faço assim poesia.
Sou assim, chama.

Esse sussurro contínuo dobra meu peito em mil pedaços. É um bilhete. Escrevo diante de uma vela. Corto versos com um machado. Desbravo o terreno pecaminoso da palavra.

Faço assim trabalho.
Sou assim, poesia.

Esse sussurro contínuo dobra meu peito em mil pedaços. É um bilhete. Escrevo diante de uma vela. Pulsa em mim a emoção pungente da inspiração calada e dominante.

Faço assim poesia.
Sou assim, gente.

Esse sussurro contínuo dobra meu peito em mil pedaços. É um bilhete. Escrevo diante de uma vela.

Poemas trabalhados na chuva, ***amaciados com sol***

Sem motivo

Quero um motivo-verso
para jogar no chão os cacos
fazê-los do fragmento ao vaso
uma fotografia de mim.

Por dentro tanto espaço,
esperando amor, ornado,
admirado por quem é aquele
que me atirou ao chão

E mesmo assim... me fez surgir.
Anunciação... o todo em muitas partes
retrato um de tantos Leonardos,
que desde 1990 insistem em fugir.

Vida é fuga, meu irmão...
Viver é fugir... para onde?
Com quem? Por quê?
é assim... aquilo que sei.

Quem são esses versos?

"ao meu admirador mais oculto"

A pergunta por 'quem são' é estranha,
inusitadamente mais estranha,
demoradamente ainda mais e mais
estranha.

Estranhamente quem o é, não o é coisa.
É feito trabalho em encruzilhada,
ponta de agulha enfiada naquele boneco vudu.
Quem o é, continua a sê-lo, e assim o faço verso:

de carne e osso, sangue e ventura…
tinta e o limbo branco de uma folha.
Fios de cabelo que cresceram no corpo esquelético,
esguio e traçado por animais cujos apelidos não são carinhosos.
Vermes que dão vida à matéria morta
que não é verme, que não é podre,
mas que é gente, e sendo gente é um poema,
um verso-fio que corta o pescoço da poesia;
fio-navalha; machadinha feita de pedra
que corta: madeira, metal, plástico e até artéria.

Quem é verso, é pessoa também,
É verso-gente leitor de Dostoiévski:
na varanda, observando a sinaleira e perguntando a si próprio:
o mesmo é o mesmo?

Esses versos são: Ele, Eu e Você,
você é este verso,
feito na chuva e quarando no sol
você o é, pois é melhor que homem, mulher e bicho,
você é um verso de desatino, que saí da minha boca,
entra em minha boca,
e depois não quer sair,
fica borboleteando meu estômago,
e me fazendo rir.

Amar

"Em Porto Alegre, uma tarde solar, 23 de julho de 2022"

Não aprendi a amar.
Amo desmesuradamente
instantaneamente
sem nenhum apelo, ou forma, ou fato, ou...
amo.

Amo de forma inversa,
às vezes odiando, mas ainda assim: amo.

Amo através de convulsões,
a esmo, a fato,
amo como quem quebra um copo,
com cuidado, "olha onde pisa", cata: caco por caco.

Amo também sob medida,
Justo peso, volume, massa e velocidade
até na luz eu amo,
e amo também no escuro: o apagado.

Amo pois não vejo sentido em não amar,
ama-se porque mandaram amar
ama-se obedientemente
ama-se cautelosamente e igual a quem come chocolate.
Ama-se livremente como o florescer de uma margarida.

Foi um homem quem disse: "amai-vos uns aos outros"

e outro falou: "uni-vos uns com os outros",
amar é como cometer suicídio,
você vai e pula, e se arremessa no desespero,
no amor e no inebriante,
a única distinção: quando você ama, você ama mais e mais.

E o mundo, assim, vai sentindo seu amor.

Poema do homem que mais amou no mundo

Seu nome era Afonso,
cujo sobrenome não vem ao caso,
basta destacá-lo como aquele Afonso
que mais amou no mundo,
amou tanto, e tão descarado
que de noite urrou de dores no quarto,
na manhã seguinte não foi encontrado,
diz-se do Afonso:
amou tanto que foi suicidado.

Amor causa loucura:
mas também promove a luta de classes.

Folhas

Deixei-as de lado,
molhadas, em prantos
sem rimas, sem encanto
sem dizeres ou ouvires
ou olhares
Eram elas, as folhas de vento
brancas como a memória mais distante
juntas num amontoado de convites

e eu, liberto, encontrei-me aprisionado
em suas inquietações
e nas minhas também

guerra das estirpes

melancólico ajuizamento
a escrita de um artigo
de um livro
ou de um poemeto

escrevi a primeira palavra
e ela pesava mais que qualquer castelo

palavra sólida, livre de resistências
livre como o bater das asas
poder de palavra, fera e garras,
uma forma de porvir e de devir

cuja as folhas em branco,
somente elas, compreendem.

Uma noite mais

"Para àquele que corre em Ipanema, não aquela do Rio, mas sim, a mais bonita"

Quero pensar em teu nome
sentado à sombra frondosa que se ergue entre sopros do vento
esvoaçada na brisa marinha,
aquele passo apressado, quero pensar nele,
naquele manejar de gomos, colados ao tecido negro,
eu balançava no trote, eu imaginava o cheiro,
mas eu não sabia seu nome,
ainda não sei.

Sei apenas que deve ser bonito soletrá-lo ao pé do ouvido,
compassadamente, nome que toca o céu da boca
sílaba por sílaba,
nome de anjo ou nome de santo,
deve ser bom esperar o teu milagre.

Sabê-lo nome antes de tê-lo aqui, existente.
Sua presença é anti-presente.

Presença do nome que não conheço,
mas digo-falo;
do corpo que não possuo
mas toco-imagino.

Passei o dia pensando no teu nome,
ou foi teu nome que passou por mim?

O convite

Por trás da máscara percebo teus sinais:
um piercing colocado, uma marca de inflamada vermelhidão,
um riso acanhado, olhar solto e sem precisão.

A não ser quando falo: aí tenho tua atenção.
Os olhos ficam vidrados, encantados e sem razão.
Apreende-se dessa sua voz suave, a curiosidade em tons
variáveis

efeitos de um encontro lilás entre tua voz e meu violão,
compondo uma canção de acordes menores
Com efeito, eu te levo: minha mão sobre tua mão.

Fica construído um terceto dos mais simples,
que combinem um litro de vontades e um terço de imaginação,
que diga sem acanho: saí comigo e me deixa são.

Um garoto da história

Hoje toquei tua mão,
e senti, sem querer, um frio percorrer minha ossatura,
vértebras, entrando na corrente
sanguínea
e provocando o arrepio e o riso
encantado,
que a máscara guardou.

Guardou também o segredo que venho bradando ao mundo
que a pele e os pelos denunciam
o sorriso avista o instante em que,
naquela biblioteca, enfim vou te ver
e sonhar acordado,
o momento mais aguardado
em que minha mão tocará tua mão
e eu sairei em festa, gargalhando e impressionando bichos e
bichas
soltos pelas ruas frias dessa Porto Alegre.

Ontem, minha mão tocou a tua.
Dormi entre o barulho de dentro e de fora do peito;
Cantei uma canção antiga, que trouxe comigo na bagagem
pulei a fogueira
esbanjei o âmbar das minhas venturas
entre teus dedos, entre seu jeito, na tua magreza
e na forma de me cumprimentar.

Saltitei, ninguém viu.

.

E hoje fui ainda mais alto
quando por acaso,
explodiu meu cérebro em combustão
transpirando identidades,
Quase colapsei!
O sol estava se pondo, a amarelidão tomou conta de tudo
e eu só tinha tempo e vez para perceber que
antes de sair, entre uma funcionária e seu ofício,
houve um movimento pelo qual só pude sentir o engano que tu já sabias,
pois foi tua mão que tocou a minha.

Posfácio

Da clausura de ontem ao livro de hoje

FICO FELIZ POR SER CONVIDADO A TECER HUMILDES comentários sobre o livro de Leonardo Bezerra, *A vítima dos signos*. Tomo liberdade, nesse breve comentário, para falar não apenas sobre a atual obra, como também de outra, ainda não finalizada, apenas idealizada. Como editor montei um livro com poemas que Leonardo havia escrito ao longo de quase uma década. Arquitetei a estrutura com sendo uma casa, daí o nome dessa possível obra ser chamada de *Habitações e outros tantos poemas*. Este livro habita apenas o virtual. Ainda não é atual. Apesar de se mostrar um livro amarrado, linear, engendrado numa construção tão simples, o projeto foi abortado. Meu projeto arquitetônico falhou.

Não havia como seguir com um projeto desse nível depois da pandemia da Covid-19. O mundo era outro. O impacto do enclausuramento forçado, como forma de proteção, jogou-nos para o terreno da intimidade. Tivemos que enfrentar nossas caras nos espelhos, e nela suas tristezas, saudades e vapores da depressão, que estão sempre à espreita, aguardando a melhor oportunidade para surgir como um cálice fervilhante à disposição de quem se arrisca beber. Nossas casas compuseram o cenário claustrofóbico em que olhamos para nós mesmos. E nesse cenário a poesia se ramifica em tons escuros; até mesmo em ambientes abertos, cheios de caminhos e sob um céu azul, os versos se dirigem para dentro, para um interior abarrotado de saudades,

nublado com uma tristeza que se arrasta. O andar torna-se circular. Olhamos para os pés e o seu caminhar. Essa imagem é recorrente nos versos que aqui se encontram. A movimentação do corpo que busca fuga, e nessa fuga, a praieza do encontro.

Os poemas são construídos como um diálogo, pensados como vida íntima, reclusa devido à pandemia. Essa subjetividade autoafirmada, que se duvida a cada instante e busca, refletindo internamente, entender ou apenas se questionar sobre os acontecimentos de perda, solidão, tristeza e ausências. Os versos são intimistas, melancólicos, quase buscando uma significação para a vida cotidiana, e constroem *A vítima dos signos* como *tour de force* na reflexão das angústias e tristezas amorosas, sobretudo.

Posso dizer que há pequenas peças no livro, como *legos* que se encaixam e montam e remontam uma cena da melancolia do dia a dia. A série de poemas intitulada "Aquários" são tão refratários quanto decisivos num argumento próprio: a subjetividade saudosista falando para si mesmo. Nesses poemas, ora encontramos um Eu-lírico que realiza a ação e a observa, ora observa alguém ao longe, ora observa alguém a observar um terceiro. E nessa cadeia de observações temos o leitor, nós que olhamos e nos conectamos aos versos tão convidativos a amar. Ou reamar, reencontrar, reafirmar os sentimentos perdidos.

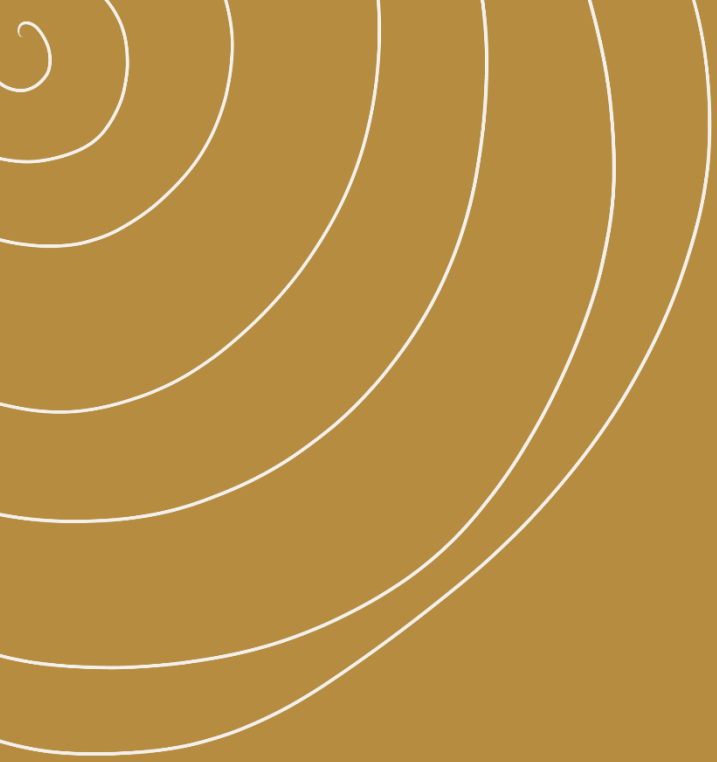
O poeta desenvolve uma dicção própria, carregada de repetições, como uma gagueira proposital, reflexiva, aparentemente numa luta consigo mesmo para ganhar tempo e, desse modo, construir a ideia; estritamente ligadas às imagens de perda e de desolação. Há o uso das reiterações das imagens, os ritornelos, os movimentos cíclicos, o uso do espiral, dos ventos e dos girantes. "E as reticências se ligam ao meditar", afirma em um poema sem título. São as pausas que não estão presentes, mas sentidas por entre os versos. Tudo é quase inverossímil. Ou talvez

tudo seja pululante demais em nossas mentes. *A vítima dos signos* é esse sujeito que precisou construir a si mesmo durante a epopeia pandêmica. A inspiração de Joyce se arrasta desdobradas em versos que relutam em descrever o pensamento e seu funcionamento. Uma metanarrativa própria dos devaneios do jovem que ama. Os espaços internos são produtos altamente reflexivos.

Se, em alguns poemas encontramos a repetição, em outros quase que estão ausentes palavras. Uma economia de palavras como que sussurrasse ao leitor versos incompletos, perdidos ao longo do trajeto. Encontramos versos econômicos, mas carregados de imagens como o poema "Manifestação". Curto, ágil e forte, pois, ora é brisa, ora é vendaval.

E é na fronteira que os poemas se encontram, cheios ou vazios, longos ou curtos, os versos preenchem um enclausuramento, e a experiência de retornar a "vida normal" é festejada, austeramente, é claro. A ausência continua a fazer parte de toda a completa experiência de viver apaixonadamente. Por isso, o livro guarda sabor de uma tarde quente que lutou contra a chuva para que o sol despontasse, e vitoriosa, nos convida a sair de casa e cair no mundo.

Maycom Cunha
São Luís, Maranhão, 2023



fulor de mulungu
Selo Editorial Fulor de Mulungu
2023

autor
Leonardo Bezerra

edição & organização
Maycom Cunha

diagramação
Maycom Cunha

capa & projeto gráfico
Arthur Lima
Maycom Cunha

conselho editorial
Maycom Cunha
Arthur Lima
Leonardo Bezerra
Maria do Socorro Santos Ribeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bezerra, Leonardo
A vítima dos signos [livro eletrônico] / Leonardo Bezerra. -- 1. ed. -- Parnamirim, RN : Fulor de Mulungu, 2023. PDF.
ISBN 978-65-996764-2-0

1. Poesia brasileira I. Título.

23-142595 CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:
1. Poesia : Literatura brasileira B869.1
Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

2023
1ª edição

Este livro foi composto em **Cardo** e **Day Roman**

"Um vazio que aos poucos se preenche com vazios
Uma falta renitente que emerge com esse brilho."

fulor de mulungu